

Tauá (CE) – Projeto resgata memórias e histórias de bairros e distritos



Registro cultural das localidades é preservado, também, em exposições. Foto: Silvania Claudino

Durante o ano de 2013 os bairros e localidades deste município foram mobilizados com a realização do projeto “Inhamuns: Identidade e Preservação Patrimonial”, realizado pela Fundação Bernardo Feitosa. O trabalho também aconteceu nos municípios de Arneiroz e Parambu.

Alunos, professores, lideranças comunitárias e religiosas, moradores dos bairros e distritos (no caso da zona rural) se uniram em torno do projeto e fizeram importantes resgates da história local e regional, a partir da memória das famílias e comunidades. Várias atividades foram realizadas no município, como oficinas, palestras, eventos religiosos, comunitários e exposições, resgatando e revelando para a comunidade, especialmente as novas gerações, fatos e acontecimentos relevantes da região.

Tendo como proposta principal disseminar a cultura e os valores da região dos Inhamuns, a iniciativa visa, ainda, formar multiplicadores da cultura, especialmente professores. Mas também se volta para outros grupos e lideranças comunitárias, como artesãos, radialistas, profissionais de cultura e de educação e principalmente estudantes, no sentido de formar uma consciência identificada com os valores regionais. A meta é preservar a memória regional.

Para a execução do projeto, a Fundação Bernardo Feitosa conta com o apoio do Governo do Estado do Ceará, Prefeitura Municipal de Tauá e Coelce. A Fundação tem 21 anos de existência, atua principalmente na região dos Inhamuns, tendo como principal missão resgatar e preservar a memória do patrimônio cultural como fonte para o conhecimento histórico.

Segundo a professora Salete Alves, uma das coordenadoras do projeto, a iniciativa surgiu da necessidade de se trabalhar medidas de conscientização da importância do Patrimônio Cultural, na formação de agentes multiplicadores no seio da sociedade. Bairro Alto Brilhante, Escola Lili Feitosa, Escola Cantinho do Saber, na festa da padroeira do município (Nossa Senhora do Rosário), entre outras comunidades urbanas participaram de oficinas, exposições, eventos e outras atividades executadas dentro do projeto. Os moradores de Marrecas, Trici, Carrapateiras, Barra Nova, Marruás e Santa Tereza receberam e participaram das atividades do projeto em suas comunidades (escolas, igrejas, associações, praças).

As primeiras oficinas foram ministradas na cidade de Tauá e no distrito de Marrecas, com duração de três dias. Na ocasião, os objetos identificados durante os três dias de discussões nas oficinas foram catalogadas para realização de uma exposição aberta. “O público das oficinas foi bem diversificado, além dos professores e grupos específicos, contamos com a presença de jovens estudantes, universitários, agricultores, que por meio do trabalho de animação sócio cultural foram sensibilizados a identificar na prática, objetos ou tudo aquilo que eles considerem que tenham um valor histórico cultural”, destaca a professora.

Segundo o projeto, o patrimônio cultural pode ser encontrado em formas de criações científicas, expressões artísticas, inventos tecnológicos, objetos, documentos, edificações, conjuntos urbanos, sítios de valor, bem como achados

arqueológicos, paleontológicos, ecológicos e científicos.

Fotografias

No bairro Alto Brilhante, por exemplo, com a facilitadora Olga Paiva e a professora Salete, 60 pessoas da comunidade trabalharam a história, a memória e a identidade dos moradores do Bairro Alto Brilhante em uma oficina. Daí foi programada a exposição “O Brilho do Alto”. Por meio de levantamento de dados sobre a formação do bairro e a visita às famílias e entidades da área, o grupo recolheu 150 fotografias antigas de famílias que residiram e residem no bairro, além de 64 objetos antigos que pertenceram e pertencem a diversos moradores.

A oficina realizada pelo projeto na Escola João Casimiro de Oliveira, situada na comunidade de Poço da Onça, Distrito de Carrapateiras contou com a participação de alunos, professores e funcionários da Escola, bem como integrantes da comunidade, e como resultado está sendo constituída a “Casa da Memória Cultural de Carrapateiras”, em edificação alugada pela Prefeitura Municipal de Tauá.

Conta, atualmente, com 61 objetos doados pelos moradores e, está em andamento a catalogação dos objetos pelos integrantes do grupo. *Por Sylvania Claudino*

Mais informações:

Fundação Bernardo Feitosa – Praça José Gonçalves de Oliveira, S/N – bairro Luís Antônio – Tauá/CE – Telefone: (88) 3437.2115

Fonte: [Diário do Nordeste](#)

Tauá (CE) – Projeto debate identidade cultural

Oficinas são realizadas especialmente com estudantes para formar cultura de preservação patrimonial.



Com a presença de jovens estudantes das escolas municipais, as primeiras oficinas foram ministradas na sede de Tauá e no distrito de Marrecas. Foto: Carlos Renê

Disseminar a cultura e os valores da região. Esses são os principais objetivos da Fundação Bernardo Feitosa, com sede neste município, que vem executando o projeto “Inhamuns: Identidade e Preservação Patrimonial”. A iniciativa visa, ainda, formar especialmente professores, mas também se volta para outros grupos e lideranças comunitárias como artesãos, radialistas, profissionais de cultura e de educação e principalmente estudantes, no sentido de cedo se formar uma consciência identificada com os valores regionais.

A meta é mesclar o conhecimento de diferentes grupos e pessoas, no resgate da memória dos antepassados, seus valores culturais, éticos e sociais, entre outros. Para a execução do projeto, a Fundação Bernardo Feitosa conta com o apoio do Governo do Estado do Ceará, Prefeitura Municipal de Tauá e Coelce, através do IV Mecenas.

Sob a responsabilidade do corpo técnico da Fundação Bernardo Feitosa, com a coordenação das professoras Olga Paiva e Salette Vale, a aplicação das oficinas terão a duração de 10 meses, culminando com um seminário quando será apresentado o resultado final de todo o trabalho desenvolvido nos três municípios.

Metodologia

Segundo Olga Paiva, a iniciativa surgiu da necessidade de se trabalhar medidas de conscientização da importância do Patrimônio Cultural, na formação de agentes multiplicadores no seio da sociedade.

A professora disse que a metodologia do projeto “Inhamuns: Identidade e Preservação Patrimonial” tem como intuito fortalecer a relação das pessoas envolvidas direta ou indiretamente, por meio de suas heranças culturais, trazendo à percepção de cada um a responsabilidade comunitária pela valorização e preservação dos patrimônios culturais material e imaterial.

Oficinas

De acordo com Olga, o patrimônio cultural pode ser encontrado em formas de criações científicas, expressões artísticas, inventos tecnológicos, objetos, documentos, edificações, conjuntos urbanos, sítios de valor, bem como achados arqueológicos, paleontológicos, ecológicos e científicos.



A presidente da Fundação Dolores Feitosa (1ª à direita) e toda a equipe da instituição que tem como meta preservar a memória regional.

As primeiras oficinas foram ministradas na cidade de Tauá e no distrito de Marrecas. O projeto será levado para as localidades da zona rural do município: Bom Jesus, Barra Nova, Santo Antônio das Carrapateiras, Santa Teresa, Trici e Marruás. As oficinas do projeto também serão ministradas nas cidades de Parambu e Arneiroz, tendo cada etapa a duração de três dias.

“O público das oficinas tem sido bem diversificado, além dos professores e grupos específicos, contamos com a presença de jovens estudantes, universitários, agricultores, que por meio do trabalho de animação sócio cultural são sensibilizados a identificar na prática, objetos ou tudo aquilo que eles considerem que tenham um valor histórico cultural.” Destaca a professora Olga Paiva. Segundo a professora, os objetos identificados durante os três dias de discussões nas oficinas, são catalogada para realização de uma exposição aberta a toda comunidade onde o projeto foi aplicado.

Resgate

“No distrito de Marrecas, após a realização da oficina, a exposição foi feita na abertura dos festejos de Jesus, Maria e José, que neste ano completa 300 anos, sendo os padroeiros de uma Igreja datada do século XVIII”.

A Fundação Bernardo Feitosa, com 21 anos de existência, atua principalmente na região dos Inhamuns, tendo como principal missão resgatar e preservar a memória do patrimônio cultural como fonte para o conhecimento histórico. Com o passar do tempo, a entidade passou a ser uma referência de estudos e da preservação de valores culturais não apenas de Tauá, mas de toda a região dos Inhamuns.

Segundo a presidente da fundação, Dolores Feitosa, a entidade foi criada originalmente com o intuito de manter o museu regional dos Inhamuns, mas logo ampliou todo o seu campo de pesquisa e ação.

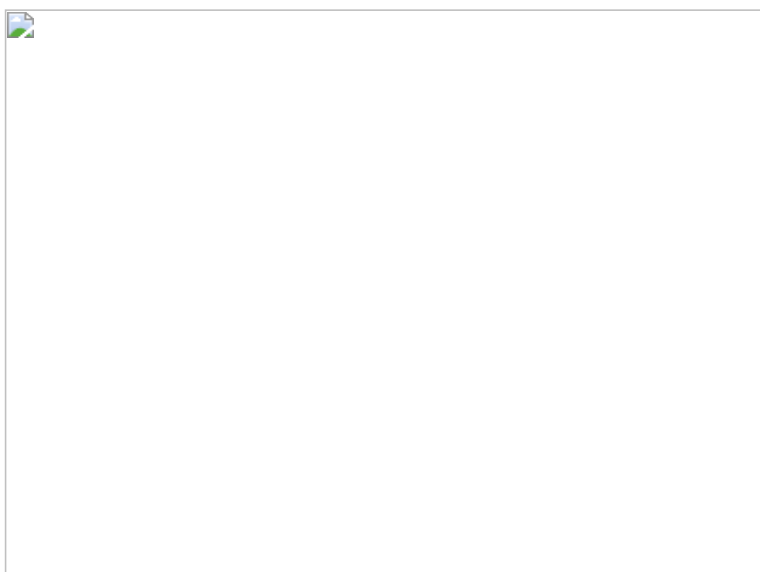
“Vemos hoje que as pessoas estão muito desagregadas, os vizinhos, as famílias, por isso nosso trabalho busca também elevar a autoestima das pessoas e agrupá-las em torno de sua própria identidade histórica; nossa região conta com uma riqueza histórica imensa por ser uma das mais antigas do estado do Ceará. Buscamos a preservação patrimonial não como um fim em si mesmo, mas cada vez mais com uma preocupação com as pessoas e com a qualidade de interação entre patrimônio e sociedade”. Relata Dolores.

“A fundação agrupa pessoas interessadas no desenvolvimento cultural da nossa região, que conta com uma riqueza histórica imensa por ser uma das mais antigas do estado do Ceará; buscamos a preservação patrimonial não como um fim em si mesmo, mas cada vez mais com uma preocupação com as pessoas e com a qualidade de interação entre patrimônio e sociedade”, afirmou Dolores. *Por Carlos René*

Fonte: [Diário do Nordeste](#)

Ceará – Exemplo: os milagres do santo da casa

Gestora do Museu dos Inhamuns, em Tauá, Dolores Feitosa é exemplo do carinho pela memória do Estado.



Fachada do Museu dos Inhamuns: mais de 1 mil peças em exposição: fragmentos da memória, da pré-história ao Ceará colonial.

O acervo possui para mais de 1 mil itens em exposição que contam um pouco da história da ocupação do Ceará, desde a pré-história, com registros de pinturas rupestres, armas em pedra lascada e polida, fósseis e, em especial, objetos das elites interioranas do período colonial. Além do registro histórico, revelando hábitos, fatos e personalidades do período, cada peça pertencente ao Museu dos Inhamuns, no município de Tauá, é marcada pela paixão e a atenção com a memória de seus cuidadores, o casal Joaquim de Castro Feitosa e Maria Dolores de Andrade Feitosa.

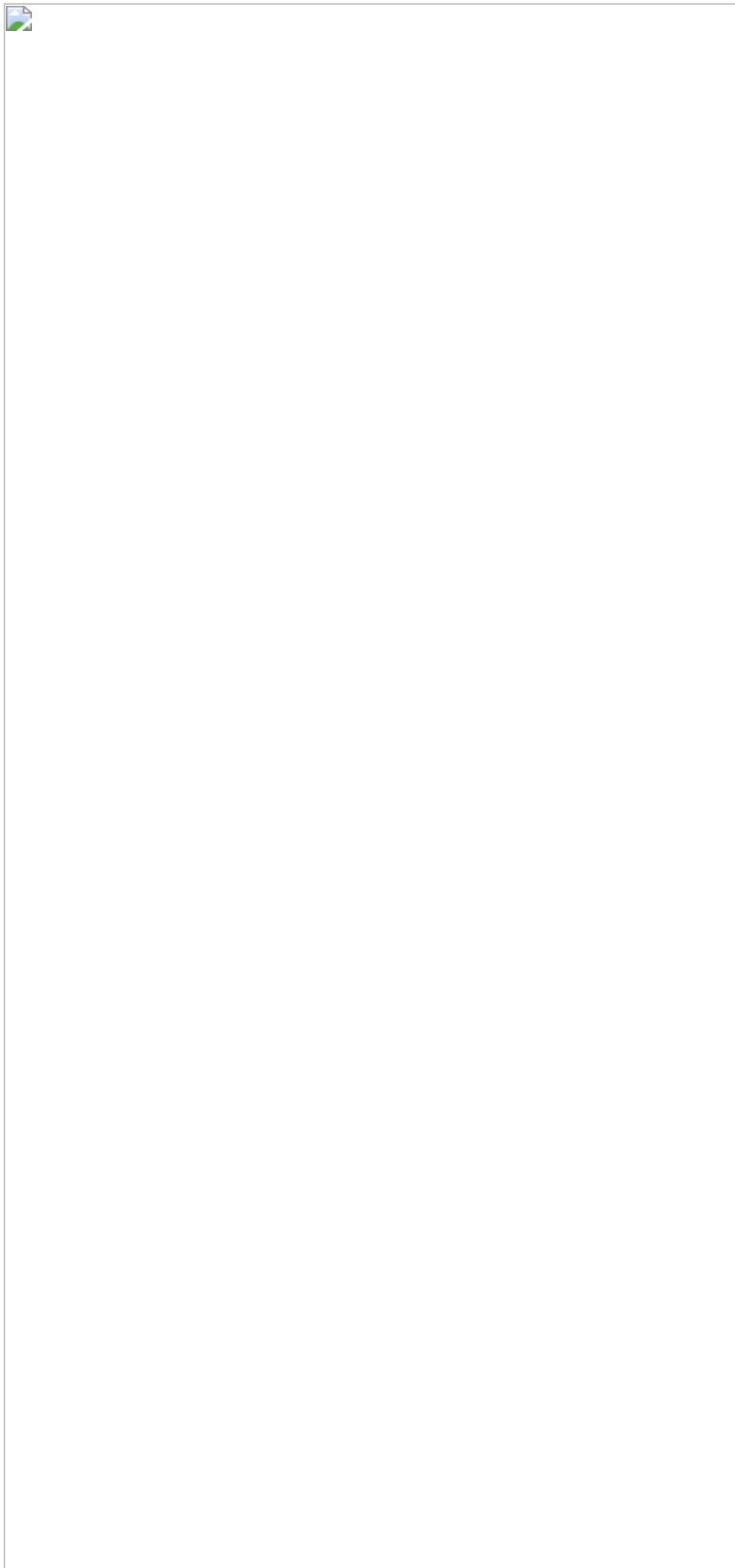
Hoje, presidente da Fundação Bernardo Feitosa, criada após o falecimento do marido, Dolores lembra com orgulho o trabalho de coleção desenvolvido ao longo de décadas pelos dois por mero fascínio e vontade de perpetuação dessa memória. “Éramos originários de famílias tradicionais. Eu, de Sobral; ele, lá dos Inhamuns. Nós já tínhamos uma convivência (com os objetos coletados). Era um assunto usual nas nossas famílias as histórias tradicionais e até os objetos que faziam parte dessa história”, lembra Dolores.

A coleção começou a ser montada no início dos anos 1950, pouco depois do casamento de Dolores, inicialmente, com peças ligadas a essa história colonial que suas casas. Depois, com peças que paulatinamente iam adquirindo. “Meu marido era engenheiro agrônomo, viajava muito pelo interior, onde ele achava alguma coisa, ou que quisessem dar ou vender, ele comprava”, lembra. O acervo gradualmente foi se avolumando e organizado da melhor forma possível na varanda da casa, em Fortaleza. “Morávamos na rua Monsenhor Bruno e tinha um varanda muito larga. Nós fechamos e ali fizemos um espaço, um abrigo para a coleção. Até uma espécie de cofre com visor para expor as joias nós tínhamos”, complementa.

Os escritores Darcy Ribeiro e Eduardo Campos estão entre os ilustres que visitaram a coleção à época, lembra Dolores, dando a dimensão que o ato, a priori amador e caseiro, pouco a pouco tomava. Na década de 1980, a coleção já se amontoava na varanda e guardava peças de grande valor histórico, como um pilão de pedra indígena conseguido na Serra da Ibiapaba e as joias antigas da família. O tempo livre, fruto da aposentadoria dos dois, e a falta de espaço foram o motor para que no fim daquela mesma década se mudassem para Tauá, interessados em dar um novo passo na vida de um colecionador: fundar um museu.

“A gente tinha dúvida de que talvez a sociedade não entendesse o valor. Não compactuasse do valor que nós estávamos dando. Então, fizemos uma exposição em um clube. Foi uma coisa feita amadoristicamente, como quase tudo nosso é. Em dois dias, recebemos 800 visitas”, conta. O sonho veio em 1989, com a cessão do prédio da antiga Cadeia Pública de Tauá para abrigar a coleção, que agora compunha o acervo do Museu dos Inhamuns.

Acervo



Coleção do museu de Tauá nasceu da paixão pela história do casal Joaquim de Castro Feitosa e Maria Dolores de Andrade Feitosa.

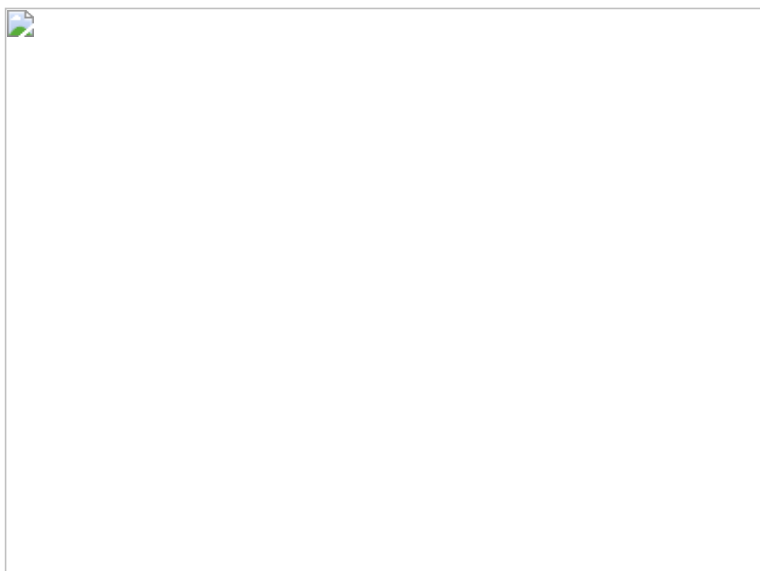
O museu abriga hoje, além das peças do período colonial, um vasto acervo arqueológico e paleontológico, como ossos de preguiça gigante que habitavam a região alguns milênios atrás. Para Dolores, uma mostra abrangente do que explica o que é o sertão cearense. “Nossos avós, realmente, são os indígenas. Dividimos o acervo cronologicamente. Tem uma sala de paleontologia, uma sala de arqueologia. Temos a coleção do período colonial, a sala de aristocracia rural”, ilustra.

Com uma boa vivência na área e conhecedora da maioria dos museus do interior do Estado, Dolores avalia que nenhum outro tem a diversidade e relevância de peças que possuem, “exceto Sobral, que eu não chamo nem interior, viu”, completa.

Apesar da relevância do acervo que possui e da sobriedade que têm sua cuidadora em articular ações, a dificuldade financeira é uma constante que assola o Museu dos Inhamuns. Aos 87 anos, 60 deles dedicado à museologia, Dolores tem ainda vigor para reclamar e cobrar atenção para o setor tanto pelo setor público quando privado.

Ela é uma das figuras bastante atuantes do Sistema Estadual de Museus, promovendo cursos de formação, inscrevendo-se em editais e buscando parcerias. O museu funciona hoje como Ponto de Cultura. “Nós temos uma significação muito grande, somos um exemplo muito bom para os museus interioranos. Mas temos uma deficiência grande de recursos humanos, embora fazendo esses cursos, as oficinas... Nós temos dificuldades principalmente da mola do mundo (dinheiro)”, lamenta e completa. “É questão de amor, amor verdadeiro pelo museu”, conta a gestora.

Comunidades e as casas da memória



Tribo Tremembé, de Almofala: índios protagonizam projeto em que a história e a memória da comunidade são preservadas.

Resgatando histórias ignoradas pelos acervos de museus tradicionais, os museus comunitários trabalham a memória sob perspectiva social, pedagógica e ideológica junto a aldeamentos indígenas, a grupos quilombolas, comunidades de pescadores e áreas de conservação ambiental. Os registros dos feitos grandes líderes e representantes das classes dominantes cedem espaço para os de homens comuns, elementos da natureza e do cotidiano dessas comunidades, que se revelam protagonistas dessa reconstrução do passado, elegendo eles próprios o que lembrar e o que esquecer. No Ceará, 20 destas iniciativas já se organizam em torno da Rede Cearense de Museus Comunitários, como uma maneira de fortalecer os projetos e dar visibilidade às suas atividades.

O historiador João Paulo Vieira, coordenador do projeto Historiando (que realiza atividades museológicas, a partir de pesquisas coletivas sobre história e patrimônio de pequenas comunidades) e membro da recém criada rede destaca algumas destas iniciativas no Estado. Para ele, os museus indígenas figuram entre os protagonistas destas novas histórias, utilizando a museologia como recurso para o reconhecimento e afirmação de suas identidades, além de preservação da cultura, sendo os museus instrumentos na luta pela demarcação de terras. “Esses grupos perceberam o poder da memória no sentido de articular e de disputar um espaço dentro das políticas públicas patrimoniais e de memória, e começam a utilizar uma invenção do dominante, do colonizador, que são os museus, para afirmarem suas existências”, argumenta.

A ideia é quebrar com a postura tradicional que preserva a versão da história pelo ótica do dominante – preservando, por exemplo, o chamado patrimônio de pedra e cal, como Casa de Câmara e Cadeia, sobrado suntuosos, enquanto destrói vilas operárias e casas de pescadores – e construir coletivamente a memória dessas comunidades. “Esses museus estão tentando atribuir significados e sentidos a esse patrimônio cultural dessas populações, dessas comunidades, que muitas vezes não são reconhecidas pelo poder público, por estarem à margem dos bens que são considerados patrimônio nacionais e estaduais”, reforça.

João Paulo cita o exemplo do acervo do Museu do Ceará sobre escravidão, formado na perspectiva tradicional, que traz apenas objetos dos utilizados pelos donos de escravos, principalmente ligados à tortura, como algemas, gargalheiras, o tronco e a mesa em que se assinou a abolição. “Mas o negro enquanto sujeito, os objetos de culto, do cotidiano, não estão presentes nessas exposições”, observa.

Sob a proposta de incluir a perspectiva das comunidades, o próprio território que habitam vira objeto do museu. Os bens naturais como rio, árvores, o patrimônio vivo, os saberes, também são “musealizados”. No acervo dos museus indígenas, é possível encontrar elementos do cotidiano, como armadilhas tradicionais para caça, objetos para pesca, tarrafas, artesanato, utensílios ritualísticos, mas também fotografias dos processos de articulação comunitária, dos saberes e fazeres tradicionais.

Pedagogia

O museu dos índios Canindé do município de Aratuba (há 128 km de Fortaleza) foi o primeiro do gênero no Estado. Criado em 1994 por iniciativa do Cacique Sotero, foi aberto ao público no ano de 2002, desenvolvendo um trabalho em consonância com a escola indígena diferenciada. “Muitas vezes as escolas indígenas não têm material didático apropriado. Têm dificuldade na execução das suas disciplinas diferenciadas e os museus se tornam um espaço onde eles podem, realmente, a partir da cultura material, a partir do acervo que está ali exposto, pensar e refletir sobre sua própria historicidade”, explica João Paulo.

Outras experiências que exploram esse caráter pedagógico são os chamados ecomuseus. João Paulo destaca duas iniciativas, em Maranguape, na comunidade de Cachoeira, e em Fortaleza, com o Ecomuseu do Mangue da Sabiaguaba. “Eles têm uma trilha onde os visitantes andam pelo mangue, conhecendo a vegetação a fauna e também discutindo o mangue como o berçário da vida no mar”, ilustra. Em ambos, o foco não é a memória em si, mas o trabalho ecológico e de educação ambiental.

Entre as 20 comunidades que apresentam trabalhos na área e participam da Rede Estadual de Museus Comunitários estão ainda a Colônia Z8 de Pescadores, Associação dos Moradores do Titãzinho, em Fortaleza, os índios do município de Poranga, os Tremembé de Almofala (em Itarema), Tapebas (Caucaia), além de entidades e projetos em diversas comunidades do Estado. “Já tivemos uma primeira reunião. Vamos criar um site para informar tudo o que se passa nesse processo de musealização, dando visibilidade a essas iniciativas”, projeta. *Fábio Marques – Repórter*

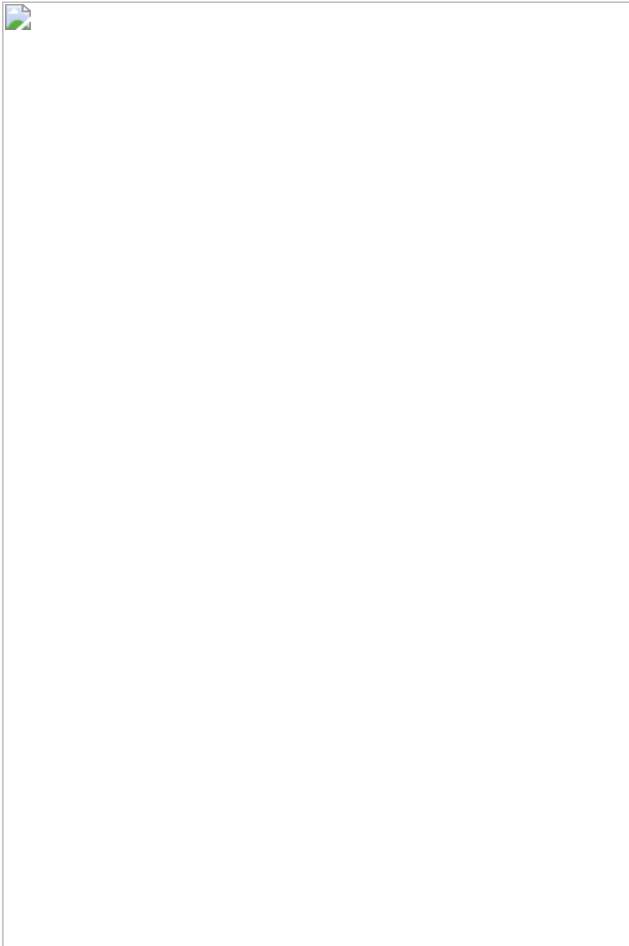
[Fonte original da notícia](#)

O caçador de pedras

De vez em quando, ele se embrenha pelas matas e passa horas, até dias, sem destino certo. Seja em uma bicicleta, ou mesmo a pé, João Vieira de Sousa, conhecido como João Mocó, tem uma missão pessoal: caçar pedras. Nesse périplo solitário, o senhor de 59 anos, de pouco estudo, é um dos maiores entusiastas dos achados de inscrições rupestres que formam hoje os 20 sítios arqueológicos e paleontológicos do município de Tauá.

Morador do distrito de Carrapateiras, a 10 quilômetros da sede municipal, o caçador de pedras era vigia de uma escola municipal no local onde reside. De tanto ser procurado por visitantes para levá-los aos sítios, que conhece como a palma da mão, ganhou da Prefeitura a função de zelar por eles. Mais do que um trabalho, Mocó sente algo especial pelo que faz. “Isso aqui é a minha vida. Faço tudo para cuidar dos sítios. Bato foto, revelo tudo com meu dinheiro”.

De acordo com a legislação federal nº 3.924 de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e os artefatos existentes nele, os sítios passam a ser patrimônio da União após a catalogação pelo Instituto do Patrimônio Histórico e



Artístico Nacional (Iphan). Enquanto isso não acontece as visitas não podem ser feitas sem acompanhamento de um responsável. Em toda a região dos Inhamuns, diversos desses equipamentos aguardam a disponibilidade de técnicos do órgão para o trabalho de catalogação.

Como o Iphan não dispõe de técnicos em número suficientes para a exploração da imensa riqueza da região, foi criado no ano passado o Pacto Ambiental dos Inhamuns, com a participação das prefeituras da região, da Fundação Bernardo Feitosa, de Tauá, e do curso de Gestão de Turismo do Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará (Cefet). A intenção é elaborar um inventário que possibilite a geração de políticas públicas visando a instalar um corredor turístico e cultural composto pelos sítios.

Em Tauá, o Museu Regional dos Inhamuns, mantido pela Fundação Bernardo Feitosa, mantém um valioso acervo sobre os achados da região. O equipamento, que foi sendo montado ao longo dos anos pelo ambientalista Joaquim Feitosa, a partir de suas muitas pesquisas sobre os sítios, é hoje um referencial internacional nesse campo de estudo, apontando a presença humana no município há milhares de anos.

Nos sítios arqueológicos podem ser encontrados grafismos vermelhos a céu aberto em afloramentos rochosos, sem que até hoje haja uma definição sobre o significado preciso dessas inscrições. Escritos que deixam João Moco encantado. “O povo me chama de doido mas eu nem ligo. Ai quando eu apareço na televisão dizem que o pessoal da TV não tem mais o que botar”, conta com simplicidade. A mesma simplicidade que o faz confessar envergonhado que já matou muita cobra nas suas andanças. “Agora não mato mais. Já criei uma consciência ecológica”. Ele só costuma responder de forma rispidez quando algum visitante lhe pergunta se não acha esquisito andar no mato: “Não tenho do que me queixar. Esquisito são vocês que andam na cidade se desviando dos carros”.